

COMERCIO DA AJUDA



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

QUANDO na 4.ª feira de manhã passavamos na Travessa da Boa Hora e vimos descarregar de um camião, para o chão, areia, alcatrão e uns caldeirões, dissemos, cheio de contentamento: lá vai desta vez, e ainda bem, ser asfaltada a Travessa da Boa Hora!

Mas foi sol de pouca dura. Dali a bocado, quando voltámos, vimos então que esse alcatrão, depois de derretido e lotado com areia, estava sendo aplicado na barragem da empina de um prédio daquela arteria.

Ainda não foi desta!

O Ateneu Ferroviário, importante colectividade cultural, promove hoje, pelas 21,15 horas, um grandioso sarau na Sala Portugal, da Sociedade de Geografia, sob a presidência do Chefe do Estado.

O festival, que é dedicado à Mulher portuguesa, consta de concerto pela excelente banda-orquestra do Ateneu, sob a regência do maestro Manuel Ribeiro, números de ginástica e música.

A distincta direcção do Ateneu Ferroviário, agradecemos o convite que nos foi enviado.

O Rio Sêco Sporting Clube, é uma das instituições da nossa freguesia, que bem merece o carinho dos habitantes da Ajuda, tal o interesse que lhe tem merecido a causa da instrução. Assim, decorridos cinco anos da fundação da sua Escola de ensino primário, verifica-se entre a sua massa associativa, o mesmo ardor do primeiro dia.

Temos presente o número único do jornal que o Clube acaba de editar, em que os seus colaboradores são unânimes em bendizer a nobre cruzada iniciada em 1932. Na sua primeira página, publica o retrato da distinta professora da sua Escola, Ex.ª Sr.ª D. Vitoria Sanches Maezo, que tem demonstrado dia a dia, não só a maior competência, como o maior carinho pelos seus alunos.

Para ela, vão as nossas homenagens, ao mesmo tempo que endereçamos aos corpos gerentes do Rio Sêco Sporting Clube as nossas saudações

PESSIMISMOS

O pessimismo invadiu, nos últimos tempos e em grande parte, a consciência moral da humanidade. Nota-se em tudo como que um sofrimento represado que às vezes, tem a sua exteriorização. Um colaborador duma grande revista francesa observava há pouco, com absoluta verdade, que por andarem descontentes, os homens se mostravam a cada passo, mais violentos e mal educados. E porquê? Porque a vida contemporânea, fatigante e dolorosa, já não consente aquela expressão de calmar e de bem-estar em que por largo tempo viveram os nossos antepassados. A psicologia que se prepara por este meio é singularmente desconcertante e amarga. Vive-se mal. Perde-se a confiança; e deixou também de haver a disciplina interior que dispõe quasi sempre os homens para as grandes acções e para os grandes sacrificios. E', de facto, muito custoso viver.

Os povos e os indivíduos sentem-se uns em face dos outros como inimigos que se preparam para um recontro brutal e aniquilador; mas em todo o caso, as grandes ideas de justiça, de bondade, de amor e de solidariedade moral afirmam-se, a cada passo, traduzidas em grandes palavras.

O mundo parece estar muito doente, e, de facto, devemos pensar em que o esteja, tam alarmantes e reveladores são os sintomas que manifesta. Uma doença grave e inquietadora o agita: doença de nervos, de vontade e de consciência.

Pensando bem, a vida não é só descontentamento, dôr, contrariedade e miséria. Há belos sentimentos a imitar, a enaltecer e a louvar. Os homens, mesmo nos seus maiores defeitos, não nos fazem esquecer certos aspectos dignificantes da sua vida.

Quando vejo uma criatura má, que se recreia com a sua maldade ou se disfarça na sua hipocrisia, digo comigo mesmo: Talvez seja necessário que haja pessoas assim, para que, pela lei dos contrastes, a existência se torne mais alevantada e melhor. E seguramente me não engano.

Não têm razão as escolas que são pessimistas por sistema. Um fenómeno da vida não é toda a vida. Um gemido do coração não é toda a arte. A miséria supõe a felicidade como a sombra supõe a luz, e seria insensato dizer-se que a miséria é uma realidade do mundo, e que a felicidade é pura idea, inata ou adquirida, mas sem objecto.

Contemplemos a vida de mais alto, e vejamos que vale a pena viver.

Decerto vale. E para pôr um dique à onde de amargura que alastra e invade os domínios da própria cons-

(Conclue na pág. 8)

COMO testemunho de gratidão pela colossal obra que a direcção do «Belenenses» levou a efeito no seu Estádio, foi-lhe na passada segunda-feira oferecido um almôço, no próprio campo atlético, a êle assistindo cerca de 100 convivas que foram unânimes em elogiar o grandioso trabalho daquele grupo de boas-vontades «belenenses», que poderia ser imitado, mas nunca ultrapassado.

Bastantes colectividades desportivas se encontravam representadas, bem como a Federação Portuguesa de Foot-Ball, a quem se deve o arrelvamento do Estádio José Manuel Soares. Ao presidente do organismo máximo do foot-ball, professor sr. Cruz Filipe, foi tributada uma grande manifestação de simpatia.

Por último, falou Francisco Mega, o prestigioso presidente «belenense», que agradeceu em nome dos seus colegas as provas de carinho que lhe acabavam de prestar.

SUFRAGANDO a alma de sua malograda esposa, enviou-nos o nosso estimado amigo Sr. [Francisco Aires Kruss Afalo, a quantia de 50.000, para distribuirmos pelos pobres por nós protegidos e em nome dos quais agradecemos a importante oferta.

DA Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», recebemos o Relatório e Contas, com o parecer do Conselho Fiscal, referente à gerência do ano de 1936.

Trabalho importante a que não podemos nem devemos dedicar apenas meia dúzia de linhas, dêle nos occuparemos muito em breve, consagrando à benemérita colectividade a homenagem que já tencionavamos há tempos prestar-lhe.

POR motivo de nos terem chegado tarde, só no próximo número publicaremos os originaes dos prezados colaboradores Ex.ª Sr.ª D. Alsácia Fontes Machado, e nossos bons amigos Ex.ªs Srs. Alfredo Gaimero e Manuel M. Gastão.

Santos & Brandão**CONSTRUCTORES****Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio****Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)**

TELEFONE 81207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacoutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4^{as} feiras ás 9 h.**Serviço nocturno ás sextas-feiras****Calçada da Ajuda 222 — LISBOA — Telef. 81456****OS FILHOS**

Os filhos são simultaneamente a alegria e a tristeza; o orgulho e o desalento. Prendem-nos à vida pelos laços mais indestrutíveis. Por eles trabalhamos; por eles sofremos; e por eles também arrastamos com paciência a pesada cruz da vida. Quando nos faltam, faz-se-nos de subito a noite no coração.

Mas se os filhos são a nossa alegria e o nosso legítimo orgulho, são, por isso mesmo também, o nosso drama.

Vivos ou mortos, andam permanentemente connosco.

! A vida! Que terrível e amarga ironia a expressão desta palavra mentirosa! Anda-se uma existência inteira a erguer castelos nas nuvens, a sonhar as miragens mais extraordinárias, para, afinal, ver tudo aniquilado num momento!

E quando alguém me fala na alegria de ser pai, eu já não compreendo essa linguagem, por que ela perdeu para mim a significação e o valor! E vejam como a vida tudo altera; e como os mais nobres sentimentos se transformam pela força e o poder da fatalidade! Mas é melhor esquecer estes aspectos tristes das realidades dolorosas. É melhor acreditar na transfiguração das emoções em afectos que, ainda na amargura, nos confortam. Nem de outra forma nós poderíamos viver.

Há um fundo de beleza est anha e perturbadora na saudade que vem até ao nosso isolamento. E a vida deixa de ser uma ironia. Recordando, nós vivemos ainda, aceitamos resignados o quinhão de dor que Deus nos manda, e subimos lentamente a escuridão, do alto da qual poderemos ver emocionados o crepúsculo iluminar-se de tintas radiosas e puras, antes que o sol se afunde para sempre no mar.

Afinal a vida não é mais que um milagre de paciência.

É indispensável que nos prendamos à existência por alguma coisa. Quando os filhos nos faltam, olhemos confiadamente em volta de nós, e procuremos resolver com bondade os nossos problemas morais.

Há uma certa utilidade em viver, quando pensamos em espalhar em volta de nós algum bem. Tecidos de fios de ouro ou de ferro, os laços que nos prendem à vida são sempre ténues, mas a porção moral com que nos misturamos à existência dos outros é poderosa, por mais ligeira e insignificante que pareça.

Prendamo-nos, pois, à vida por algum sentimento ou alguma parcela nobre de ternura; mas sejamos fortes e varonis. A existência sem afectos é de certo muito triste; mas também é triste e árida a campina queimada pela neve, e a primavera cobre-a em cada ano de um tapete lindo e sempre matizado de flores. O coração também remoja e floresce como a natureza. Como ela, tem a sua morte e a sua ressurreição necessária. Aprendamos, na lição que ela nos ensina constantemente, a ser fortes, alegres, razoáveis e bons.

Estas palavras respigadas do interessante livro de Joaquim Costa, *Recordar é viver*, que eu não podia coordenar tão sábiamente, traduzem fielmente o meu pensar, neste dia de mais um triste aniversário do desaparecimento de um ente querido, que já mais voltará.

Que nos perdoem estas tristes recordações aqueles que nunca sofreram tamanha desgosto, e queira Deus que nunca o experimentem, porque é difícil resistir-se-lhe.

8-Maio 1937.

Francisco Duarte Resina.

Recordando...

Morrera o sol; a velha moleirinha,
Com as vestes laivadas de farinha,
Vinha descendo o monte.
Lindas Marias, rindo enamoradas
Para os Maneis, cruzados nas estradas,
Corriam para a fonte.

No adro da igreja alguém cantava
Uma ária tão quente, que embalava,
E fazia sonhar.
E perto, muito perto, o cemitério,
Num mixto de tristeza e mistério
Par'cia dormir.

Já nos currais, algumas ovelhinhas,
Com saudades dos montes e ervinhas,
Baliam tristemente.
Enquanto nas ramagens, velhos ninhos,
Acoitavam os meigos passarinhos,
Beijando-os levemente.

Ao longe, nos vinhedos bem tratados,
Os rafeiros ladravam açodados.
Quando alguém presentiam.
A noite decaira finalmente,
Mas a lua e os astros, docemente,
A terra revestiam...

Meu Deus! Como recorro com saudade,
As passagens da minha mocidade,
Tão cheia de alegria!
Como eu na morte qu'ria um só momento,
Sentir toda a essência desse tempo
Em que sómente... ria!

Maria Pia Mimoso Ruiz.

Moveis, Estofos e Decorações**Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto**

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro**Facilitam-se pagamentos****Secção montada para fornecimento
para toda a Província****Rua de Belém, 80 e 82**

TELEFONE 81237

LISBOA

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L^{DA}**PADARIA****Fornece pão aos domicílios**

55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 15

TELEFONE 81520

PALATINO

Rua Filinto Elísio
(Alto de Santo Amaro)
TELEFONE 81099

Espectáculos todos os dias
Matinéas aos domingos e feriados

O melhor, o mais amplo e o mais confortável cinema da parte ocidental da cidade

Apesar da época calmosa o Palatino continua mantendo os seus espectáculos diários dada a excelente temperatura da sua sala, que é a mais ventilada dos cinemas do bairro

Hoje e Amanhã, ás 21 horas — Amanhã, Matinée ás 15 horas: Os excelentes filmes

DOIDOS MILIONARIOS e O CORVO

Dia 26: *Charlie Chan na California e Barreiras Sociais.*

Dia 27: *A Severa e Chamada de Socorro.*

Dia 28: *Bocage e Maria do Mar.*

Dia 29: *A Canção de Lisboa e Miguel Strogoff.*

Dia 30: *O trevo de 4 folhas e Ouve o meu coração.*

Dias 31 de Julho e 1 de Agosto: *Tu és a minha felicidade e Vencido pela traição.*

Dias 2 e 3: *O sonho eterno e A minha noite de nupcias.*

Dia 4: *Gado Bravo e Eva.*

Dia 5: *As pupilas do sr. Reitor e Olhos que riem.*

ATENÇÃO — Nas matinées dos Domingos exibem-se sempre 3 filmes

De Relance...

Há três semanas arrancaram a chapa de ferro que vedava parte da-quele antiquado mictório da Rua dos Quarteis e derrubaram o marco de pedra que fazia de urinol.

A chapa levaram-na, está claro, porque o ferro, mesmo pôdre como aquele estava, vale um dinheirão; mas o marco de pedra lá continua estendido no chão, cremos que aguardando veiculo que o transporte juntamente com os postes de cimento que há uns poucos de anos se encontram estendidos nas vias públicas daqueles arredores.

* *

No dia 8 morreu afogado quando tomava banho numa lagôa de água estagnada, existente numa pedreira da Rua Aliança Operária, junto ao moinho da bruxa de Santo Amaro, o menor de 14 anos, António Mendes Rosa, residente no Largo da Ajuda, 17.

Essa lagôa, que mede uns 20 metros de superficie por 2 de fundo, continua a descoberto. Porquê, se há ali tanto entulho para a entaipar?

Aguarda-se a morte de algum outro desgraçado?

Se em vez de nos acoimarem de rabujento (cremos que é o menor defeito que nos encontram) prestassem atenção às observações que aqui temos apontado, mesmo as de pequena monta, que visam sómente a tornar a nossa terra mais bonita e mais higienica, era bem melhor; mas não o querem, paciência...

O que é pena é termos que presenciar vergonhas como estas, que nos colocam num grau de inferioridade bem visível.

FRESINA.

UMA VIDA QUE É UM ENSINAMENTO

A grande Imprensa, quási sempre muito pródiga em reportagem para os crimes, deu há dias, com uma concisão tocante e desprendimento, a noticia duma morte.

Na Flórida, Estados Unidos da América, faleceu o multi-milionario John Rockefeller.

A' primeira vista o caso parece banal. Se êle nem sequer nos deixou qualquer coisa...

Rockefeller, o rei do petróleo, teve a morte calma que merecia.

Nestes tempos em que não abundam santos, em que a mística não nos mostra muitos privilegiados ungidos da graça de Deus, a vida dêste homem é um belo ensinamento, é um nobre exemplo, no qual novos e velhos têm que aprender, uns a lutar e a vencer, outros a fazer da fortuna honestamente ganha um uso digno.

Esse grande homem, que morreu com 98 anos e há quási 40 deixara os negócios, foi um rapazinho pobre.

Dele se conta que, então, teria êle dez anos e era vaqueiro, um amigo lhe preguntara o que gostaria mais de ser na vida. Ele respondeu que queria ser, e havia de ser, um homem que *valesse* 100 mil dólares.

E foi... muito, muitissimo, infinitamente além!

Empregou-se aos sete anos numa fazenda, para não pesar aos pais, e aos 10 anos fazia o primeiro negócio, uma venda de lenha que lhe rendeu 100 dolares. E foi andando...

Aos 16 anos empregava-se numa oficina de Cleveland; nas horas vagas continuava a negociar e 5 anos depois, tinha um depósito no Banco de 10 mil dolares.

Comprou por essa altura uma modesta refinaria de petróleo.

Estava lançado o «rei do petroleo». Nunca mais a fortuna deixou de sorrir-lhe. O vaqueiro de outrora era o fundador da «Standard Oil Company».

Em 1896 abandonou os negócios, e os restantes anos da sua vida passaram em bem empregar o que ganhara na primeira metade dela.

Fundou inúmeras escolas e institutos e a Universidade de Chicago; do-tou com dois milhões de dolares a cidade universitária de Paris.

Sempre um fito o guiou: — tornar possível aos humildes, como êle, ascenderem pelo trabalho e pela inteligência às mais altas posições.

Diz-se que em 35 anos distribuiu mais de 12 milhões de contos da nossa moeda por várias instituições.

Na pobreza do lar humilde em que nascera e vivera os primeiros anos aprendeu as virtudes que o fizeram erguer muito mais alto que muitos principes de sangue.

E, depois de rico, não pensou se não em espalhar o bem, em proporcionar aos que, como êle, menos favorecidos dos bens da terra, têm uma centelha a iluminá-los e encontram no caminho da vida uma estrêla benigna a guiá-los.

Se a primeira parte da sua vida, do tempo do vaqueiro John, é um belo ensinamento para a mocidade, a segunda parte, a do «rei do petróleo», do multi-milionário, não é menor ensinamento para os velhos.

Mas, na verdade, só sabem gastar os que sabem ganhar...

Ainda um dia hei-de escrever a história dêstes «pequenos» grandes homens, aos quais a miséria os abraçou á nascença, mas que encontraram na morte as portas abertas da Glória...

Kurika.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81553 (antiga Mercaria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos que em outros locais se encontram por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita a aqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPELARIA
com agênc. de
Tabacaria
Perfumeria
Livraria
Artigos Malhao

Calçada da Ajuda, 176
TELEF. 81757



3\$00

é o preço por que a Gráfica Ajudense Ltd. vende uma caixa de optim papel para carta com 50 folhas e 5 envelopes, forrados interiormente.

Verdadeira pchinchal

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA
Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183
LISBOA

GENÉROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

A V Excursão de "O Comércio da Ajuda"

"O Comércio da Ajuda", no seu simpático papel de proporcionar todos os anos, a quem o deseje, alguns dias de distração longe da abafada Lisboa, levou-nos em 11, 12 e 13 deste mês até à Serra da Estrela, através das mais encantadoras regiões, numa companhia alegre e divertida, em que as senhoras, em grande número, imprimiam um cunho acentuadamente simpático e agradável.

De há três anos a esta parte tem-me cabido a honra e o prazer de escrever algumas linhas após o a propósito de tão interessantes passeios, que não constituem mais do que uma recordação para todos aqueles que nêles têm tomado parte.

Desta vez, no intuito de evitar descrições que, por frequentemente repetidas, se tornam assaz fastidiosas, limitar-me-ei a dar as impressões que o meu então péssimo estado de saúde me permitia colher.

naram-se amigos aqueles que na véspera ainda se não conheciam.

Não tivemos este ano a sempre desejada companhia do sr. Viriato Silva, o que nos inibiu de ouvir algumas judiciosas considerações sobre os efeitos benéficos do café em toda a casta de doenças... inclusivamente nas mentais e nas algebeiras...

Por mim tive pena que esse nosso amigo não tivesse podido acompanhar-nos e estou certo que todos sentiriam a sua falta. Encontrei, contudo, numa gentil senhora, quem o substituiu cabalmente na propagação do energético estimulante como específico radical para fazer cessar quaisquer dores.

E o mais interessante e contraditório é que a simpática propagadora levou todo o dia de domingo, 11, com uma dessas dores de cabeça de que não há memória nos anais das doenças... sem importância.

Passado o meio-dia, é humanamente impossível pensar noutra coisa que não seja no almoço.

Por isso, procurámos uma pensão. Nada havia pronto, na ocasião, para comer... nem palha tampouco. Era mister esperar uma hora. Que remédio!

Aproveitámos o tempo concedido para visitar o jardim, o castelo, o museu e o mirante.

No jardim, e comodamente sentado num banco de pedra, sob a sombra benéfica duma árvore, deparámos com um companheiro nosso, que entretinha o estômago, como ele nos disse, com «petiscos» que levára de Lisboa.

Aproximei-me, pois sempre me despertou curiosidade uma pessoa comendo. Era o sr. Manuel Duarte, que, ao ver-me, teve a delicadeza de me convidar a partilhar da sua «ligeira» refeição. Hesitei um pouco, mas depois recusei, pensando no dito: «oferecer é delicadeza e aceitar é uma pouca vergonha...».

E depois, como o comer e o coçar o mau é principiar, tive receio, pelo sr. Duarte, que as *costeletas* de...

Eram 13 horas, mais palmo menos dede, quando chogámos a Abrantes, depois de uma hora do paragem em Santarém e meia em Torres Novas.

O trajecto entre Lisboa e Vila Franca serviu para que todos os excursionistas se familiarissem. Tor-

QUANDO Mateus atingiu os limites do recinto ocupado pela Tribu sublevada dos enamatados, continuou a avançar, mas redobrou de cuidados. Deslisara, quasi subtilmente rastejara, sem que o mais leve ruído o denunciasse.

A escuridão da noite auxiliava-o até então: era uma sombra atravessando a sombra.

Mas, na orla do horizonte, o crescente da Lua no minigante acabava de surgir boiando entre névens negras, com um punhal cintilante envolto em farrapos. Uma claridade fraca, esverdeada, trespassava a folhagem, a murcheta e o solo de tiras e placas de prata. Gaia acenbava, uma brisa levíssima arripiava-lhe os membros. Cou-se mais com a sombra, e a sua avançada continou.

De repente, quando acabava de contornar um barranco, parou. A distancia relativamente pequena de descobriu uma fogueira, em torno da qual se distinguia, recortando-se, alumiada pelo clarão, esvultos de quatro negros.

Deve-se um instante, perplexo, como numa hesitação, recesso do passo que ia dar. Olhou para o gatilho da sua carabina, um visível intuito de verificar se funcionava bem, pousou-a lentamente no chão e ajustou o fletor à cinta a correia, da qual pendia a balaína com o seu punhal.

Quasi rastejando como um réptil, avançou ainda mais algumas dezenas de metros, depois, estendendo de braços sobre o chão, segurando o cano da espingarda, soltou aquele assobio especial, fino, prolongado, com que, na sua adolescência passada no sertão, ele e os companheiros se avisaram mutuamente.

Agora, distinguia nitidamente os homens da sua raça. Estavam acocorados em torno do lume, conversavam e comiam qualquer coisa que devia ser farinha de mandioca com carne assada à fogueira.

Assim que ouviram o assobio, estacaram, surtos. Mateus viu-os erguerem-se e, de mãos sobre os olhos fazendo de viseira, preserutaram a noite.

Esperou um momento, sem se mover. Novamente, deu o sinal da tribu. Então, chegou-lhe uma voz: — Avança!

O rastejar cauteloso recomeçou. A alguns passos levantou-se. Os enamatados, ainda desconfiados, viam um negro de corpulência hercúlea, nu, apenas com a tanga, trazendo nas mãos uma espingarda como as dos brancos, no qual adivinharam homem que tinha saído do seu meio. Rodearam-no e, sem saudação prévia, um que já tinha cabelos brancos e parecia o mais velho, perguntou-lhe: — Quem és tu? Por que é que nos procuras?

Mateus respondeu: — Não se assustem! Venho trazer-vos a vitória sobre os brancos. Não me conheceis, porque há muitas

luzas me levaram daqui. Vem o meio dos «manipulos» mas eu também sou homem de guerra dos enamatados.

— Que me dizes? Não as queres enganar? Mas como é que nos darás a vitória sobre os «manipulos»? Isso é difícil!

— Não te inquietes! Eu «bebeo»-os bem, mas isso é meu segredo e só o revelarei quando me levarem à presença do soba.

— A estas horas ele não querará receber. Está com as suas mulheres...

— Digam ao soba que lhe trago a vitória sobre os brancos e ele me receberá.

Entre dos negros tocou a carabina: — Tens uma boa espingarda... Di-ma.

Mateus, pondo-lhe a mão sobre o ombro, respondeu-lhe, sorrindo: — Não posso, porque é um presente que trago para o soba. No entanto, prometto que brevemente te daré mais do que isso. Mas levamos ao soba!

Os seus interlocutores marçaram uma última hesitação, mas, por fim, o que parecia lhe falara, preferiu resolutamente: — Vamos!

Mateus era, efectivamente um enamatado que, como ele proprio acabara de dizer, deixara muito cedo a sua região natal. Tinha naquella região vivido e cinco anos e seria rapazito dos seus dezassete quando um militar português, comandante da sua capitania-mór, o levára da terra para Luanda.

Era um garoto que gostava de aparecer na fortaleza, e, muitas vezes, servira de guia a expedições em missão de reconhecimento.

O capitão-mór afelcou-o sobre, gostou da sua esperteza cheia de vivacidade e pôs a insistir-lhe por distração. Ensinou-lhe a soletrar e, lentamente, ele foi aprendendo a falar o português. Quando o capitão-mór

que tinha sido transferido de posto e se dirigia a Luanda lhe perguntou se queria acompanhá-lo, ele aceitou com entusiasmo. O militar substituiu-lhe a tanga por uma farda já muito usada de kaki, encarregou-o de olhar pela sua bagagem e puzaram-se a caminho.

Em Luanda o jovem enamatado sentiu-se deslumbrado com uma cidade tão grande, e que nunca tinha saído da sua pequena aldeia de cabanos. Concebeu uma admiração sem limites pela gente que tinha construído tantas obras que lhe pareciam belas e consagradas então sem reserva, ao serviço do ex-capitão-mór, que, para ele, era o representante máximo de uma civilização esplendida.

Ele falou-lhe de Lisboa, que era da cidade comparada a uma a qual Luanda ficava a perder de vista e tentou fazê-lo chegar à compreensão da ideia de uma pátria que ficava longe, mas que moradia que a amássemos sobre a terra e a cuja grandeza não se significassemas.

Para Mateus, nome com que o capitão o baptizara, Portugal ficava ainda qualquer coisa de abstracto, que lhe imaginava mal, mas que, no seu limitado horizonte intelectual, resplandecia como uma luz deslumbrante.

Tomou a resolução de ser um grande português. O capitão fez-lhe assentar praça como soldado; percorreu Angola quasi inteira, destacando para vários postos militares, até que foi para exactamente ao mesmo dade e sea primeiro protector o tinha levado. Dado alguns tempos, negociantes portugueses que de mais perto observaram os movimentos, notavam alguns sinais de revolta próxima. Fizeram-se antes um comércio imprudente de armas de fogo, e de pólvora, que, nas mãos de uma tribu belicosa se podiam tornar perigosas. Os alarines, chegaram a fortaleza, mas a falta de se tivera tempo, a pedir reforços para Luanda, quando certa manhã bandos de enamatados sob o comando de um dos sobas, saquearam os estabelecimentos comerciais, matando os donos e massa-

crando parte da guarnição que se achava desprevenida na aldeia. A fortaleza dispunha de dois pequenos canhões de campanha, de algumas metralhadoras, defendeu-se energeticamente dos atacantes mas ficou sitiada. Não se tinham tomado precauções de antemão; socorros não se esperavam tam cedo, os viveres começaram a faltar ao fim de alguns dias de cerco, de forma que a situação começava a tornar-se grave.

Um dia, Mateus apresentou-se ao official que comandava a força e pediu-lhe licença para ir matar o soba. Se conseguisse o seu intuito, os enamatados tomariam a fuga e o perigo estaria passado. O comandante encarou-o muito e — solha li, não nos atrações — deixou-o ir.

Quando o soba, no meio das mulheres, recebeu Mateus, acompanhado de dois negros que o acolheram ao pé da fogueira, este disse-lhe: — O chefe, em só te poderei revelar o segredo da tua vitória sobre os brancos, quando estivermos sós.

(Conclue na página 7)

Mateus, o clarim

Por VIANA DE ALMEIDA

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fagulheiro, Retrozeiro, Rosparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINÇAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE 81456

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. 81656 — AJUDA — LISBOA

de impressionante. Em Julho, não.

Abandonámos a Serra para irmos almoçar a Seia, encantador oásis perdido naquele deserto.

Ainda sob a impressão do péssimo almoço do dia anterior, em Abrantes, os trinta e nove excursionistas dividiram-se em dois grupos, que invadiram as pensões Castro e Central. Decididamente foi este o melhor almoço dos passeantes e o que decorreu com mais animação e espírito, sem quaisquer dôres: nem de estômago, nem de cabeça, nem... de cotovelo.

Muito contribuiu para que assim sucedesse a forma deveras carinhosa, e por isso digna dos nossos mais rasgados elogios e agradecimentos, como os proprietários das duas pensões vizinhas nos trataram.

Só tive pena de, na sobremesa, não ter bebido café e provado o muito gabado doce de ginja da pensão Castro, de que tanto falaram depois todos os que tiveram essa felicidade. Em compensação, na pensão Central, não faltou o bom queijo da Serra, o optimo vinho e o possivelmente apetitoso doce de pêssego, que a minha curiosidade descobriu sobre o aparador, mas que a criada se esqueceu de colocar na minha mesa...

O Luso e o Buçaco, bem como Oliveira do Hospital e Santa Comba Dão foram vistos com a curiosidade que os seus encantos naturais requerem.

De Coimbra, onde passámos a noite da véspera, partimos no dia 13 às 7 horas da manhã para a Louzã, encantador rincão pouco frequentado por excursions, o que não se explica, pois é deveras grata à vista e ao sen-

timento a paisagem arrebatadora que se goza em todo o trajecto através a Serra.

Por ser dia 13 a concorrência em Fátima era grande. Muito povo dos arredores e inúmeros excursionistas dos mais longínquos pontos do país davam à romaria um aspecto surpreendente.

Depois de algum tempo de paragem na Batalha, Aleobaça e Nazaré, chegámos às Caldas da Rainha por volta das 23 horas, em que jantámos. Daqui seguimos directamente para Lisboa. Apesar de estar prestes a findar o interessante passeio a animação no auto-carro não diminuiu.

E foi com imensa saudade que cada um dos excursionistas abandonou o auto, após a sua chegada à Ajuda, sem se poder convencer que a viagem estava no seu termo...

A. M. P.

Tomaram parte na excursão as Ex.^{mas} Sr.^{as} D.^{as} Adelina Massas, Aida Coelho, Antónia Coelho, Antónia Rodrigues, Aurora Gomes Andrade, Beatriz Braz Gomes, Blandina dos Santos, Brenda de Almeida, Elvira A. Santos Lopes, Elvira Settas, Julietta Lopes, Lidia Pedroso, Maria dos Anjos Saraiva, Maria Diogo, Natalina Rodrigues, Olimpia Barbosa, Olívia A. Santos Lopes, Rita Palma Mendes e Rita Palma Nazaré e os Srs. Alexandre Coelho, Alexandre Rosado, Alexandre Settas, António Duarte Saraiva, António V. Sousa Lopes, Armando Marques Pereira, Casimiro Santos, Fernando Pedroso, Henrique Lis, Idalino Caetano, J. A. Silva Coelho, Joaquim Pedro Barbosa, João Eusébio d'Oliveira, José d'Almeida, José Casimiro dos Santos, José Fernandes, Julio Lopes, Manuel Duarte e Olimpia de Andrade.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento
para toda a Província

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE 81237

LISBOA

Jardim Botânico da Ajuda

Fomos procurados por um grupo de frequentadores do nosso Jardim Botânico que nos pediu que intercedéssemos junto do Ex.^{mo} Sr. Director do Instituto Superior de Agronomia para que aquele jardim se conserve aberto até mais tarde, pois que a hora a que fecha actualmente, 18 horas, é pouco mais de meia tarde.

Cremos que só por motivo de ordem interna é encerrado tão cedo, mas confiamos que S. Ex.^a o Sr. Dr. André Navarro, a quem endereçamos este justo pedido, fará o possível por atender o desejo dos veihotes que se sentem bem naquela mansidão e lhes facilitará mais umas horas de permanência naquele paraíso.

EPIÉRRE.



VINHOS DE CHELEIROS

MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109-117
Rua da Junqueira, 293B-293D
Rua Leão de Oliveira, 36 38
Largo 20 de Abril Calvario, 1

Calçada da Ajuda, 95 97
Calçada da Ajuda, 154-156
Calçada da Ajuda, 212-216
Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone 81551

LISBOA

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de ferragens
para fornos de padarias, do mais moderno sistema
e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE 81367

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE 81056

Resposta ao inquérito de "O Comércio da Ajuda"

1.º Como aprecia a literatura moderna? E a clássica?

Dentro do seu vasto campo e duma forma geral, a literatura moderna deve apreciar-se pelo seu dinamismo — pela beleza que emana e que é o producto febril desse mesmo dinamismo. Não porque eu seja, dentro do moderno conceito literário, um derrotista do classicismo, que considero a base principal da literatura moderna — chave das modalidades literárias que hoje nos oferecem tantas preciosidades.

Sou, acima de tudo, um profundo realista, se bem que às vezes laivos de romantismo venham pintalgar a prosa sem brilho que rabisco na hora febril em que tantos acontecimentos nos emocionam. Mas dentro dum critério que considero firme, a minha apreciação à literatura moderna é feita com segurança, dentro da verdade histórica, baseada nos conceitos literários da hora presente em que as Escolas, virtualmente encerradas por incompatíveis com a época que atravessamos, já não ditam leis aos grupos de iniciados nos segredos literários, deixando formar livremente as mentalidades, abandonando assim à grandeza do talento as obras de arte para que os artistas se revelem Artistas.

Compulsemos os anais do que se conveniou chamar *literatura moderna* e vejamos, na prosa ou no verso, as jóias literárias de alto valor artístico, seja qual for a modalidade — romantismo ou realismo, naturalismo ou futurismo — esta última chamando-se com mais propriedade *modernismo*.

Esta literatura moderna — de ontem e de hoje — como se aprecia? Pela sua beleza — produto do dinamismo — base da hora agita-la que se vive, em que o ser humano é máquina e tudo que nos rodeia perfeição na Arte.

Aprecia-se, no seu conjunto — no verso ou na prosa — pela arte de dizer, de expôr, de relatar — isto é — pelo dinamismo da expressão que gera beleza — beleza que canta, sonora, aliando-se, em perfeita comunhão, ao esteticismo.

Felheia-se um livro de literatura moderna — não modernista — com a certeza de se encontrar uma imagem profundamente humana, vivida, uma figura bem desenhada, esteticamente bem disposta. Os quadros apresentam-se-nos com vida, movimento e cor. As imagens são perfeitas e põem-nos frente aos olhos, uma grandiosa visão cinematográfica. Existem livros — páginas fortes de dinamismo e beleza — melhores do que qualquer filme de espantoso réclame e grande metragem. São a perfeita imagem da vida, da miséria e da riqueza do século presente, em que os homens, proclamando paz, trabalham hora a hora para a guerra.

O classicismo já nos não oferece imagens fascinantes. Tudo nêle é severo, cheio de velhas pragmáticas, de moldes profundamente rígidos. Não quero com isto dizer que seja inimigo da literatura clássica. Considero-a extraordinariamente cultural, mais do que a moderna — isto duma forma particular — atendendo a que toda a literatura, mesmo a licenciada, é cultural...

Os clássicos — que admiro — legaram-nos monumentos de erudição e cultura, no verso e na prosa. Se remontarmos a Camões, ao padre António Vieira, a Bernardim Ribeiro e outros tantos, que encontramos? Monumentos de alta literatura. Se o próprio Alexandre Herculano que com Garrett introduziu em Portugal o romantismo, foi grande no classicismo. Que valor não possuía um Francisco Rodrigues Lobo ou um Sá de Miranda? E António Ferreira? Isto no classicismo porque na moderna literatura, desde Herculano e Garrett aos actuais, quantos valores não têm existido? Ramalho e João de Deus — aos mortos. Eugénio de Castro e Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e Virginia Vitorino, Júlio Dantas e Teixeira de Pascoais — aos vivos. São valores de

primeira grandeza e outros tantos existem ainda. E tantos se estão formando!

2.º Que género prefere? Prosa ou Poesia?

Como jornalista considero a prosa o melhor género para se expressar com nitidez e realce as imagens, as figura e os episódios que pretendemos descrever. Esta preferência especial pela prosa — que em mim é bastante justificável — funde-se na razão de ser neste género que qualquer jornalista ou escritor pode brilhar pela doutrinação, pelos termos empregados — isto é — pelas expressões da linguagem na riqueza do vocabulário.

No verso a riqueza das expressões igualmente nos encantam quando é feito por algum poeta-cinzelador. Se bem se verificar o verso reúne mais elementos de valor, mais arte e mais beleza. Uma simples quadra pode dar-nos, em síntese, um quadro maravilhoso, cheio de vida e de cor, encerrando, por vezes, pensamentos admiráveis. Num soneto pode encerrar-se a vida duma alma, a descrição duma paisagem. Eis o valor da poesia — a síntese — e dentro desta a arte — o lirismo.

Na prosa é mais difícil condensar num período uma imagem perfeita — um retrato completo, a vida ou os amores duma alma.

Duma forma geral a minha preferência é para ambos os géneros. Leio com agrado uma quadra ou um soneto, mas com mais agrado me enleio na leitura de uma página de prosa onde a beleza canta. Primeiro porque como repórter tenho gasto os miolos e as pestanas. Segundo porque sempre fui uma completa negação para a poesia. Mas não fazer e apreciar é coisa diferente.

3.º Qual o articulista, deste jornal, que mais lhe agrada?

Todos os colaboradores dum jornal, por muito modesto que êle seja, devem merecer de quem os lê a consideração merecida e de que quasi sempre são credores.

Em publicações desta natureza os articulistas formam os grupos de amigos do jornal porque o seu labor é sempre desinteressado, gastando as horas dadas ao descanso a cobrir linguas dos de papel.

O leitor — coloco-me neste caso — tem quasi sempre preferência por um ou outro articulista. Colocando-me como manda o inquérito, a minha preferência — sem pôr de lado o valor de todos os outros — vai para António Gomes Rocha, espirito culto de perfeito jornalista, de ideias desempoeiradas, que a êste periodico — como a tantos outros — tem dado o melhor do seu intellecto. Os seus artigos caracterizam-se pela feição realista, profundamente humana, em que os traços vigorosos do jornalista marcam uma personalidade.

(Continua)

Aguinaldo Escalera.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

CASA BELMIRA

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS,
A PREÇOS BARATÍSSIMOS

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras

Grande sortido em feltros e boinas

Rua Coronel Pereira da Silva, 15 (Bairro Económico da Ajuda)

A caneta
preferida
no mundo
inteiro

CONKLIN

Por 5\$00
e 7\$50

semanais, com bônus,
podereis obter
uma excelente caneta

Conklin

na

Gráfica Ajudense, L. da
C. da Ajuda, 176 - Telef. 81 757

GEWIROL

é a marca da magnífica máquina
fotográfica que a

Gráfica Ajudense, L. da

Calçada da Ajuda, 176, vende em
prestações de 7\$50 semanais
com bonus

Vendem-se películas e outros artigos
fotográficos e aceitam-se trabalhos
de amadores

AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos telhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}

Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

PESSIMISMOS

(Continuado da página 1)

ciência moral, precisamos de mostrar que o pessimismo pode ser uma disposição passageira da alma humana, mas não é, de modo algum, um sistema de filosofia honesta, com um fundo de verdade em que deva assentar confiadamente o nosso pensamento.

Temos assistido, nos últimos anos, a transformações espantosas e derrocadas formidáveis. A vida vai assim pagando à vida o seu longo tributo doloroso; mas confiemos, em todo o caso nas energias transfiguradoras de natureza espiritual que conduzem os homens para destinos melhores.

Não devemos dar ouvidos aos vaticínios amargos das injustas Cassandras. Se os factos são firmes e só os juízos vacilam e mudam, como pretende Spengler, e é realmente verdade, pensemos pelo nosso esforço, em fazer da história do futuro uma construção inabalável, em que palpitem, ao mesmo tempo, a consciência e o coração da humanidade, que aspiram a realidades melhores.

A.

Alfredo Duarte Resina

Faz hoje precisamente quatro anos, que a morte roubou ao nosso convívio e aos carinhos de sua família, o excelente moço Alfredo Duarte Resina, filho estremecido do nosso prezado amigo e camarada de redacção, Sr. Francisco Duarte Resina, a quem por tal facto abraçamos, manifestando-lhe a nossa solidariedade na dor que ainda hoje o aflige, pela perda do filho querido.

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento

Bilhetes postais ilustrados desde \$50

C. da Ajuda, 176 — Telef. 81757

Cinema BELEM-JARDIM

Segunda-feira, 17 de Maio de 1937

às 21 horas

Festa artistica do distinto guitarrista

CARLOS RAMOS

Cinema - Variedades - Fados

Cantadeiras 15 - 16 Cantadores.

3 DUOS DE GUITARRISTAS:

ARMANDINHO, CASIMIRO RAMOS e CARLOS RAMOS, com seus violistas

8 artistas de vários teatros

D. MANUELA BONITO, cantora CHARLES, grande bailarino

Um grande grupo de Baile

A MAIOR FESTA DA ÉPOCA

Leitaria Maria de Lourdes

Travessa da Boa Hora, 50 e 52

(Bairro da Ajuda)

Leite, manteigas, vinhos finos e licôres, águas minerais, refrigerantes, pastéis, chá, café, etc.

TABACOS NACIONAIS

Pilot Radio ::::: Olympia Radio

Vendas a pronto e a prestações de 49\$50, com bônus pela lotaria